

VALE DO JEQUITINHONHA: A REGIÃO E SEUS CONTRASTES

Patricia Guerrero

Mestre em Antropologia Social – UNICAMP, Doutora em Educação - UFSC

Universidade Federal de Santa Catarina

meonpry@yahoo.com.br

RESUMO

O Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste do estado de Minas Gerais, há anos vem carregando os problemas decorrentes da seca e o estigma de miserável que têm marcado, profundamente, os discursos produzidos a seu respeito. Pretende-se, com este artigo, compreender um pouco mais do Vale do Jequitinhonha a partir dos contrastes e dos paradoxos ali presentes. Além disso, pretende-se questionar os discursos que enfatizam a pobreza dessa região e que desconsideram as muitas maneiras de interpretá-la e ressignificá-la, apresentando outras possibilidades de leitura que passam, inclusive, pela cultura popular.

ABSTRACT

Jequitinhonha's Valley, an area placed in Minas Gerais State northeast, Brazil, there are years it come carrying dryness problems and miserable stigma that have been mark deeply, the speeches produced on it. This article proposal is understand the Jequitinhonha's Valley from the contrasts and paradoxes presents there. Moreover, the proposal is question the speeches that emphasize the poverty of this region and not consider the many ways to interpret it, showing many others possibilities to do different lectures, even by popular culture.

INTRODUÇÃO

*Conta, conta, cantador
Conta a história que eu pedi
Dizem que o jequi tem onha
Conta as onhas do jequi*

Gonzaga Medeiro¹

O Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste do estado de Minas Gerais, há anos vem carregando os problemas decorrentes da seca e o estigma de miserável que têm marcado, profundamente, os discursos produzidos sobre ele.

Este artigo pretende questionar os discursos que enfatizam a condição de pobreza dessa região e que desconsideram as muitas maneiras de interpretá-la e ressignificá-la, apresentando outras possibilidades de leitura que passam, inclusive, pela cultura popular.

¹ Gonzaga Medeiros é poeta e compositor do Vale do Jequitinhonha.

Leituras que passam, também, pelos contrastes e pelos paradoxos que vão construindo e constituindo as marcas de uma identidade regional.

Meu olhar para o Vale, e para os seus contrastes, vem desde os tempos de mestrado em antropologia² quando, a partir das memórias e narrativas de canoieiros do rio Jequitinhonha, intencionava conhecer essa região através das percepções e dos discursos das “pessoas do lugar”. Esse primeiro olhar transformou-se num constante aprendizado a partir das muitas idas e vindas que se seguiram após esse primeiro encontro. Da mesma forma, essa itinerância transformou-se em novas pesquisas³ que buscam aprimorar as minhas percepções e as minhas leituras sobre essa região. Além disso, e de uma maneira muito especial, essa itinerância busca, também, reforçar os laços afetivos com as pessoas e com o lugar.

A REGIÃO

São 80 (oitenta) municípios espalhados numa área de 85.467,10 km², o que equivale a 14,5% do Estado.⁴ O Vale dividi-se em três regiões: Alto Jequitinhonha (região de Diamantina, próxima à nascente do rio), Médio (região de Araçuaí) e Baixo Jequitinhonha (região de Almenara, próximo à foz, no sul da Bahia). O Alto e o Médio Jequitinhonha situam-se na porção ocidental da BR 116 e o Baixo Jequitinhonha, na porção oriental.

A sua vegetação é bem diversificada e caracteriza, de forma marcante, as suas divisões regionais. Na porção ocidental, por exemplo, na região próxima à Serra do Espinhaço (local onde nasce o Rio Jequitinhonha), as terras são mais altas, havendo predominância das chapadas cuja vegetação natural é o cerrado. As chapadas são entrecortadas por córregos, ribeirões e pequenos rios que, numa porção mais baixa, acabam formando as grotas.

Na porção oriental, as terras são mais baixas e os índices de temperatura são mais elevados devido à diminuição da altitude. Nessa porção, predomina a vegetação do tipo savana e, ocupando quase que totalmente o lugar da extinta Mata Atlântica, encontra-se uma extensa plantação de capim colonião que serve para alimentar as fazendas de gado, principal atividade econômica nesta faixa do Vale (SOUZA, 1997).

² A dissertação de Mestrado em Antropologia Social foi defendida no ano de 2000, no departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da professora Emília Pietrafesa de Godói. Teve como título: “Canoa não é força, é Opinião”: o Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoieiros.

³ No ano de 2008, defendi o Doutorado em Educação, no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da professora Maristela Fantin. O título da tese foi: “Casinhas de Cultura”: cultura e educação em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha.

⁴ Dados da Codevale (Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha) de abril de 1997.

Além de uma vegetação de transição entre o cerrado e a caatinga, o Vale apresenta, ainda, uma vegetação ciliar que cresce às margens de seus rios. No entanto, é preciso ressaltar que a mata ciliar, das margens do rio Jequitinhonha, já foi em grande parte destruída, o que vem acarretando sérios problemas ambientais para a região, dentre eles o assoreamento do rio.

Na época de intensa navegação no rio Jequitinhonha, a cultura de vazantes era muito praticada. Era até comum dizerem que uma das “leis” dos canoeiros era a de se apropriarem dos produtos plantados nas vazantes que estivessem ao alcance do remo. Entretanto, conforme o relato de seu Odilo Paulo, antigo canoeiro da cidade de Jequitinhonha: “*É nada, era chumbera*”, como uma forma de dizer que esta prática não agradava muito aos fazendeiros nem aos donos das vazantes, que muitas vezes os recebiam à bala (chumbera).

O nome Jequitinhonha deriva de uma prática dos índios Botocudo de deixarem à noite, no rio, uma armadilha pronta para pegar peixe, certificando-se, no dia seguinte, de que no “jequi tinha onha” (jequi: armadilha de pesca feita de bambu; e onha: peixe). O rio também é conhecido como Rio Grande e, já no estado da Bahia também é conhecido por Rio Grande de Belmonte.

Típico rio de montanhas, ele nasce na Serra do Espinhaço, em Pedra Redonda, município de Serro. Corta o nordeste de Minas percorrendo 1.086 km – 888 km em Minas e 198 km na Bahia – ou 181 léguas, das quais 103 navegáveis, até encontrar o mar, na cidade de Belmonte, no sul da Bahia.

No final do século XVI, o rio Jequitinhonha já havia sido descoberto por aventureiros instigados pelas notícias da existência de metais e pedras preciosas no sertão mineiro, especialmente prata e esmeraldas. Iam em busca do “Sol da Terra”, que acreditavam poder encontrar às margens do rio.

No entanto, com a descoberta de minas de ouro em Vila Rica (Ouro Preto), no século XVII, esse rio foi abandonado e ficou esquecido até que, no final do mesmo século e início do século XVIII, descobriram ouro em Hivituriú (denominação indígena de montanhas frias), atual cidade de Serro. Quando, alguns anos mais tarde, descobriram diamantes no Arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina, consolidou-se, então, a exploração do rio Jequitinhonha e do rio Araçuaí, seu principal afluente.

O movimento das canoas - e também das tropas - foi responsável pelo desenvolvimento de muitas cidades e povoados da região. A cidade de Araçuaí⁵, localizada no Médio Jequitinhonha, é um exemplo desse fato, já que o intenso movimento de canoas transformou a cidade num importante entreposto comercial, em toda essa região, estabelecendo ligação com várias cidades do Vale do Jequitinhonha e com algumas cidades do sul da Bahia⁶. A esse respeito, João Valdir de Souza transcreve a seguinte citação, de uma obra não referida:

A cidade de Araçuaí, fundada entre 1830-1840, a partir de um arraial estabelecido, tempos antes na fazenda da Boa Vista da Barra do Calhau, 'ponto de arribada das canoas que subiam o Jequitinhonha', tornou-se, a partir de meados do século, importante entreposto comercial. De todos os povoados e distritos vizinhos, num raio de 50 léguas, convergiam para ali as tropas que transportavam as mercadorias a serem distribuídas em todo o norte de Minas e escoavam a produção que dele descia o rio (1997, p.104).

No entanto, com a abertura das estradas de rodagem, de outros canais de escoamento de mercadorias e produtos, e de outras vias de comunicação e de transporte na região, o comércio de Araçuaí, e do Vale como um todo, tendeu a declinar, amargando mais um longo período de estagnação de sua economia. Segundo Souza,

Araçuaí, por volta de 1885, atinge o auge nesse movimento de expansão, recebendo mercadorias da Bahia e mesmo do Rio de Janeiro. Declina, então, pois abriam-se outras vias de comunicação e transporte pelos vales dos rios Mucuri e Doce, solapando-lhe a primazia de entreposto comercial. Ao final do século a navegação pelo Jequitinhonha declina a olhos vistos (*idem*, p.111).

Difícilmente encontra-se uma história contínua do Vale, existem longos períodos sem registro, períodos de silêncio que impedem que se tenha uma visão mais ampla do processo de ocupação e de desenvolvimento da região.

Justamente por esses períodos de silêncio, é que o Vale do Jequitinhonha foi considerado, pelas repartições estaduais, "área de pobreza absoluta e estagnação secular", tornando-se, assim, para o poder público, "uma ferida de subdesenvolvimento

⁵ Existem duas versões para a origem do nome Araçuaí. Numa delas, este nome é atribuído aos paulistas que tinham encontrado nele grande quantidade de ouro e que teriam exclamado: "Ouro só aí!" e que desta frase fez-se "Araçuaí". A segunda versão deriva o nome do tupi, de "raçu", ave (provavelmente arara vermelha) e "hy", rio. Rio das Araras Vermelhas – alguns, também, dizem Araras Grandes - seria, portanto, o nome do rio e do município. Esses dados foram obtidos na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Minas Gerais, vol. XXIV do Arquivo Público de Belo Horizonte/MG.

⁶ Geralmente, as mercadorias transportadas pelos canoeiros eram sal, rapadura, querosene, cimento, sabão.

em Minas Gerais” (MOURA, 1988, p.1). Outros problemas seguiram-se a este, agravando a situação de seus moradores e o quadro de empobrecimento que atinge a região.

UM VALE DE CONTRASTES

Na década de 1960, o Vale do Jequitinhonha passou a acompanhar a expulsão do agregado do interior da fazenda e a invasão de terras camponesas por falsos fazendeiros (MOURA, 1988). Nos anos 70, foi a vez das empresas reflorestadoras expropriarem os pequenos produtores de suas terras.

Baseadas num programa de reflorestamento do Governo Federal, essas empresas tinham como objetivo principal o abastecimento de indústrias siderúrgicas e de papel e celulose. Nessa época, grande parte do cerrado foi substituída pela monocultura do eucalipto o que, de certa forma, rompeu com o sistema “grotachapada”, restringindo os camponeses às áreas de grotas (terras baixas), “as quais, sozinhas, não tinham condições de suprir as necessidades básicas das famílias” que viviam nessa área (SOUZA, 1997; RIOS-NETO e VIEIRA, 1989)⁷.

Isso acontece porque a relação entre grotachapada permite duas formas de apropriação da terra: uma que se caracteriza pela apropriação *privada* das terras baixas (veredas e grotas), e a outra, pela apropriação *comum* das terras altas (as chapadas). Segundo Eduardo Rios-Neto e Paula Vieira, é nisto que consiste o complexo “grotachapada”, onde a chapada passa a funcionar como complemento à lavoura de subsistência, oferecendo produtos como a madeira, ervas, frutos e pastagens (1989, pp. 2-3), além de favorecer o reabastecimento dos lençóis freáticos da região que, a partir do plantio do eucalipto, ficou seriamente comprometido.

Ainda incentivada pelo Estado, iniciou-se também, nesta época, a produção de café na região. No entanto, esta se deu sob bases capitalistas o que, segundo Silva, “desarticula os arranjos tradicionais entre pequenos produtores e fazendeiros” (SILVA, 1988 *apud* RIOS-NETO e VIEIRA, 1989, p. 4).

Percebe-se, então, que a partir de discursos de “progresso” e de “modernização”, o Vale do Jequitinhonha foi sendo alvo de políticas de desenvolvimento cujo interesse principal era, estritamente, financeiro e de benefício transitório. Certamente, um grande contingente de pessoas foi mobilizado para trabalhar no plantio de eucalipto e na lavoura

⁷ O reflorestamento, a partir do plantio de eucalipto, ao contrário de se converter numa atividade de preservação, representou e tem representado uma das faces da exploração econômica dessa região. É importante salientar que o eucalipto é uma planta que absorve muita água, dessa forma, ele agrava a situação de regiões onde a seca predomina, como é o caso do Vale do Jequitinhonha.

de café, permanecendo, dessa forma, em sua terra, sem a necessidade de migrar para o trabalho sazonal em lavouras no interior do estado de São Paulo. No entanto, uma série de problemas sócio-ambientais foram desencadeados e agravados a partir da implantação desses “programas de desenvolvimento”.

É interessante perceber como esses fatores de “modernização do Vale” (reflorestamento, cafeicultura e fazendas de gado) foram contribuindo para o processo migratório da região e vem, de certa forma, questionar as causas da pobreza do Vale do Jequitinhonha. Antes, porém, de prosseguir, é importante assinalar que tem havido algumas modificações no processo migratório e que não atingem, somente, essa região.

Segundo a socióloga Maria Aparecida Moraes Silva (2007), a partir do final da década de 1990, quando começa a se solidificar cada vez mais a ideologia do agronegócio no Brasil - que tem sido um dos símbolos do desenvolvimento econômico do país - começa a haver, também, uma mudança na **cartografia migratória** brasileira.

Se, antes, a maioria dos migrantes temporários, que trabalhava nas usinas de cana-de-açúcar e álcool no interior do estado de São Paulo, vinha dos estados de Minas Gerais e Bahia, atualmente, eles também são provenientes do Maranhão e do Piauí. Segundo a autora, uma das explicações para essa mudança deve-se

(...) a uma enorme intensificação do ritmo do trabalho nos canaviais, traduzida em termos da média de cana cortada, em torno de 12 toneladas diárias. Este fato está diretamente relacionado à capacidade física, portanto, à idade, na medida em que acima de trinta anos de idade, os trabalhadores já encontram mais dificuldades para serem empregados. Desta sorte, a vinda destes outros migrantes cumpre a função de repor, por meio do fornecimento de maior força de trabalho, o consumo exigido pelos capitais cuja composição orgânica é maior. Outra explicação se reporta ao processo histórico de expropriação do campesinato desta região, responsável pela produção destes migrantes (*idem*, p.2).

Por outro lado, é importante registrar que essa exigência por maior produtividade tem levado esses trabalhadores a esforços extremos, o que acaba, muitas vezes, tirando-lhes a vida⁸. Inclusive, uma das grandes discussões, neste momento, que envolve promotoria pública, usineiros e representantes sindicais, refere-se, justamente, à

⁸ De acordo com Francisco Alves, professor do departamento de engenharia de produção da UFSCar, baseado em dados da Pastoral do Migrante: “entre as safras 2004/2005 e 2005/2006 morreram 10 cortadores de cana na Região Canavieira de São Paulo. Eram trabalhadores jovens, com idades variando entre 24 e 50 anos; todos eram migrantes, que tinham vindo de outras regiões do país (Norte de Minas, Bahia, Maranhão, Piauí) para o corte de cana. A causa mortis em seus atestados de óbitos são vagas a respeito do que ocasionou verdadeiramente as mortes, os atestados dizem apenas que morreram por parada cardíaca”. Esta citação está presente num texto enviado pela internet, em 23/06/2006, cujo título é: “Por que morrem os cortadores de cana?”.

imposição dessa alta produtividade, vista como uma das grandes responsáveis pelas mortes dos trabalhadores. No entanto, há uma resistência por parte dos usineiros e também dos sindicalistas em modificar essas condições de trabalho, alegando que os próprios trabalhadores não aceitariam tais mudanças.

Tal medida não é aceita nem pelos usineiros, que alegam que seriam lesados e nem pelos representantes sindicais, cujas afirmações são as de que os trabalhadores não aceitariam trabalhar na diária (pagos por dia), porque o piso salarial é baixo, aquém de suas reais necessidades de reprodução da força de trabalho e do sustento de suas famílias. Segundo uma sindicalista, os trabalhadores não aceitam diminuir o ritmo de trabalho porque não conseguiriam cortar cana devagar, pois correriam riscos de ser acidentados! Enquanto esta barbárie ocorre no mundo do trabalho, o mundo do mercado internacional coloca este mesmo país no patamar do sucesso absoluto do *agribusiness*. Este é o paradoxo dos dois mundos da sociedade contemporânea. O trabalho que produz esta enorme riqueza é o mesmo que mutila e pode matar os “Severinos”, ou seja, os migrantes do nordeste, que deixam suas terras em busca da sobrevivência individual e familiar (SILVA, M., 2006, pp. 34-35).

Em 2006, a Pastoral do Migrante da cidade de Araçuaí organizou um seminário sobre Migração voltado, especialmente, à questão da Juventude, visto que a maior parte dos trabalhadores rurais, que têm migrado para estados de São Paulo e Rio de Janeiro, são jovens que levam consigo o desejo de ajudar a família, mas também de adquirir bens de consumo, como aparelhos de som, armas e motos⁹.

Um dos objetivos desse seminário foi o de discutir direitos humanos e de orientar, aos trabalhadores, sobre como proceder, legalmente, para reivindicar melhores condições de trabalho e moradia nas usinas e de como denunciar os maus-tratos e o trabalho escravo ao qual estão, muitas vezes, submetidos. Além disso, esse seminário serviu, também, para pensar em políticas públicas de geração de renda como uma forma de possibilitar a permanência desses trabalhadores em suas terras.

Segundo Maria Moraes Silva, as políticas atuais de incentivo ao agronegócio têm desconsiderado, e até mascarado, elementos ideológicos “embutidos nas relações de trabalho nessa agricultura” (*idem*, p.4). Dessa forma, tem havido, cada vez mais, a necessidade de promover encontros e discussões que possam orientar os procedimentos desses trabalhadores que, no momento, não têm condições de buscar e de encontrar outras alternativas de trabalho e renda¹⁰.

⁹ Segundo informações da professora da Unicamp Neusa Maria Mendes de Gusmão, atualmente, os jovens estão saindo, estão migrando, do Vale do Jequitinhonha diretamente para países europeus, como Portugal e Espanha, sem ter passado por uma migração interna e sem ter tido a experiência de viver em cidades de médio e grande porte. Esse é um impacto social que ainda está sendo estudado.

¹⁰ De acordo com Maria Moraes Silva, e segundo estimativas da Pastoral do Migrante, “mais de 200 mil trabalhadores no período da safra da cana, laranja e café no estado de S. Paulo, são migrantes. Pelo fato

Situações como essa, fazem-nos retomar a análise de Margarida Maria Moura (1988) e questionar as causas da pobreza presentes nessa região. Segundo a autora, é preciso distinguir a “pobreza ideológica” da terra de sua pobreza concreta, já que “a pobreza ideológica da terra é representação transversal à sociedade agrária e às políticas estatais que perpetuam a idéia de que solos pouco produtivos, agredidos ora por secas ora por enchentes, explicam a dependência do lavrador face aos fazendeiros e de sua disponibilidade generosa” (MOURA, op.cit, p.5).

Para a autora, a dupla expropriação do pequeno lavrador em relação ao campo, ora pelos fazendeiros, ora pelas empresas florestais, explica em parte a situação atual pela qual atravessa o Vale do Jequitinhonha, não que ela seja totalmente responsável por esta condição, mas sua parcela de responsabilidade é significativa e relevante, e continua a impulsionar o processo migratório dessa região.

Moura completa dizendo que a pobreza do Vale “é fruto de transformações que ocorrem, especialmente, na esfera das relações de produção, além da violência simbólica, material e física que caracteriza seu cotidiano” (*idem*, p.3). Dessa maneira, é possível pensar num processo de empobrecimento dessa região, o que, de certa forma, desencadeou a formação de uma identidade regional - a região do Vale do Jequitinhonha - “construída sob o signo da carência, do abandono e do subdesenvolvimento persistente” (Ribeiro, R., 1993, p.91)¹¹.

Fato que também se estende às imagens e aos discursos produzidos sobre o sertão e a figura do sertanejo, marcados, geralmente, pela idéia da escassez, da rusticidade, da decadência, da aridez, do atraso, do inóspito, “um sertão feito de ausências e carências” (LIMA, 2006, p. 3). Mas existem outras leituras possíveis sobre o sertão e sobre a pobreza.

OUTROS OLHARES SOBRE O SERTÃO

de serem temporários, muitas vezes, não são computados pelas estatísticas dos órgãos oficiais. Este fato denota a invisibilidade desta mão-de-obra, agravada pelas relações de trabalho baseadas na terceirização” (2006, p.4).

¹¹ Em 1964, com a criação da CODEVALE – Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha -, apresentada como emenda à Constituição pelo deputado Murilo Badaró, o Vale passa a virar notícia. A partir de então, vai sendo gestada uma nova identidade regional. Conforme nos relata Ricardo Ribeiro (1993), o Vale do Jequitinhonha, enquanto região, “é uma construção recente que concorre com outras ainda presentes no imaginário social”. Para ele, essa “nova identidade” - região do Vale do Jequitinhonha -, “que tenta substituir outras identidades, é construída sobre a imagem das carências sócio-econômicas do ‘Vale da Miséria’, que fundamentam as sucessivas propostas de desenvolvimento regional que permitiriam o surgimento do Vale da Esperança” (p.91).

Uma outra possibilidade de olhar para o sertão do Vale do Jequitinhonha é através da cultura popular. Nessa região, especialmente, ela tem sido um contraponto às “ausências e carências” ali presentes. A cultura popular, em muitas situações e em muitos momentos¹², aparece como cerne de uma outra identidade, cerne de relações e articulações políticas e de muitos processos de produção e socialização de conhecimentos, fazendo-se presente tanto nas práticas sociais, nas trocas solidárias e afetivas da vida cotidiana quanto na esfera política e econômica. Além disso, converte-se numa fonte de vida nas regiões sertanejas, como bem retratam as palavras de Nancy Unger:

Contudo, um dos atributos do mundo da cultura popular é o de ser um mundo no qual pulsa, em meio a um sofrimento incomensurável, uma grande vitalidade. São formas de sociabilidade, modos de se relacionar com a natureza, experiências do sagrado, que dão testemunho de uma força de criatividade que se realizou e se realiza no desenvolvimento daqueles povos, tanto em meio a conjunturas sociais e políticas determinadas quanto no modo de interagirem com a terra onde habitam e o vigor da natureza naquele lugar (UNGER, 2001,p.17).

As diversas manifestações culturais, que traduzem “formas de sociabilidade, modos de se relacionar com a natureza e experiências do sagrado,” como diz Unger, e que se expressam, muitas vezes, através do cancionário popular, do artesanato (especialmente, a cerâmica e a tecelagem), dos *causos* contados nas portas das casas, das benzedeadas e suas rezas, dos curandeiros e suas ervas, das festas religiosas, das brincadeiras de meninas e meninos nos quintais, nas ruas e nos rios, trazem novos elementos, novas lentes de observação e novos textos para a leitura do Vale do Jequitinhonha.

Essas manifestações que, segundo a autora, “dão testemunho de uma força de criatividade” dos povos sertanejos, costumam entremear o cotidiano das pessoas que vivem nesse lugar, e vão, inclusive, dando novos significados às condições e situações de pobreza pois, como bem aponta Victor Valla, “a pobreza é um fato e um sentimento de múltiplos sentidos” (2005, p.13). Segundo a colocação desse autor, de modo geral, o termo pobreza “indica privação relativamente ao que se considera o modo de vida predominante numa dada sociedade. Isto quer dizer que a pobreza deve ser apreciada histórica e geograficamente” (*idem*, p.13).

¹² O próprio Festivale – Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha - é um dos grandes momentos em que a cultura popular marca a identidade do Vale do Jequitinhonha. Esse encontro, além de congrega várias pessoas em torno das manifestações, dos saberes e práticas da cultura do Vale, tem o propósito de aliá-los e de transformá-los em ações políticas.

Além disso, a pobreza deve ser apreciada e analisada, também, com base nos sujeitos sociais e nas relações que estes estabelecem, sejam elas de produção ou de convivência. Isso porque são essas relações e esses sujeitos que vão apontando diferentes formas de compreender, enfrentar, responder ou se adaptar a essas privações. No entanto, essa análise só será possível através de uma relação de diálogo com esses sujeitos, pois é o diálogo que vai permitir identificar quais são as interpretações, os critérios, os significados que esses “sujeitos da transformação” atribuem às suas condições de vida.

O diálogo com os sujeitos da transformação constitui um objetivo raramente assumido nos estudos recentes da pobreza. Esses estudos, em geral apoiados exclusivamente em técnicas quantitativas de pesquisa, tendem a afastar-se da análise histórica das relações sociais de produção e, também da reflexão de contextos sociais onde tornam-se nítidas as singularidades da sociedade brasileira. A inversão dessa tendência exige domínio da análise histórica e o enfrentamento de abordagens que, ao homogeneizarem ou segmentarem a pobreza, não correspondem ao conhecimento necessário aos sujeitos das lutas sociais do presente (RIBEIRO, 2005, p.16).

Céline Komadina (2005), ao analisar os conceitos de pobreza a partir da visão de uma comunidade rural boliviana, apresenta uma perspectiva semelhante à de Ana Clara Ribeiro. Ela acredita que existam diferentes percepções ao redor da pobreza: umas que se referem à maneira como as próprias pessoas e comunidades pensam, vivem e dizem sobre ela (percepção êmica); outras, à maneira como ela é vista, entendida e anunciada por quem a vê de fora (percepção ética).

Segundo esta autora, a maioria dos estudos sobre a pobreza costuma basear-se em aspectos materiais e em padrões de consumo que acabam se transformando, inclusive, “em parâmetros de medição das carências” (*idem*, p.376), desconsiderando, assim, os aspectos subjetivos, simbólicos, históricos, geográficos e o próprio sistema de necessidades das pessoas e de suas comunidades. Em suas palavras:

Sin embargo, no todos los grupos aspiran al mismo modelo de consumo, y si uno no accede a las ofertas del mercado – aunque ello no sea una prioridad para uno – entonces es tachado de pobre sin que se tome en cuenta su próprio sistema de necesidades. Así, las representaciones que elabora la gente sobre la pobreza incluyen tanto aspectos materiales como una dimensión simbólica sujeta a las normas, costumbres o valores interiorizados que varían em función a uma época dada, a um contexto especial, a uma sociedade particular y un entorno geográfico (KOMADINA, 2005, pp. 376-377).

Dessa forma, é preciso considerar, além dos aspectos materiais, a dimensão simbólica da pobreza, que está sujeita à normas, costumes, valores, necessidades que variam, e se transformam, histórica e geograficamente e, assim, vão demarcando diferentes representações sobre essa situação.

Apesar das especificidades em relação às situações vividas, não só no Vale do Jequitinhonha como também em outras regiões do Brasil, existem situações similares nos demais países da América Latina.

Sonia Leguizamón (2005), ao falar sobre a produção da pobreza nos países latino-americanos, atenta para a complexidade deste fenômeno no qual “interactúan diferentes procesos económicos, sociales, políticos, culturales, étnicos, algunos de más larga data y otros más conjunturales” (p.21)¹³. Atenta, ainda, para os discursos que vêm na diversidade e na mistura de ricas e variadas culturas e grupos étnicos, pautadas na tradição, as causas da *cultura da pobreza* cultivada nesses países.

Esses discursos, por sua vez, continuam a justificar as causas de seu empobrecimento, encobrendo, muitas vezes, os processos de colonização, exploração e subordinação que atingem, até hoje, a história dos países latino-americanos. Além das forças históricas estruturais que participam desse processo de produção da pobreza, a autora chama atenção para os atores ou “*perpetradores*” que a reproduzem e a mantêm, podendo ser estes, indivíduos, grupos ou instituições.

Essas questões levam-nos a pensar num processo de empobrecimento - e de reprodução e manutenção desse processo -, que questiona os discursos que revelam uma certa “naturalização” da pobreza, tanto em regiões semi-áridas ou periféricas de nosso país quanto nos demais países da América Latina. Por outro lado, é preciso estar ciente de que nessas localidades e nos seus espaços de vida, as pessoas vão criando e gerando diferentes respostas e alternativas para lidar com as situações e condições que envolvem seu cotidiano.

O caso da comunidade rural de Huarancani, na Bolívia, retratado por Komadina, reflete as palavras de Victor Valla (2005) em relação aos múltiplos significados da pobreza. Nesta comunidade, não é, apenas, a condição material que determina o lugar que uma pessoa ocupa na sociedade, mas a sua rede de relacionamentos. Em Huarancani, as pessoas que vivem sozinhas - principalmente, as viúvas, os órfãos,

¹³ Trecho do livro: LEGUIZAMÓN, Sonia A (Org.). *Trabajo y producción de la pobreza en Latinoamérica y el Caribe: estructuras, discursos y actores*. Buenos Aires. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005.

pessoas abandonadas ou solteiras - é que, geralmente, são consideradas as mais pobres. Além de perder a capacidade econômica, essas pessoas ainda sofrem a perda de seu reconhecimento social - *status* - na comunidade.

Dessa forma, são os laços sociais - principalmente, de parentesco - que determinam o “lugar” e a condição social dessas pessoas. Por outro lado, são as redes de solidariedade e o sistema de reciprocidade, que se formam entre elas, que vai permitir que recriem um trabalho comunitário e, assim, fortaleçam esses laços sociais e melhorem as suas condições econômicas.

Apesar da especificidade desse caso, é possível perceber semelhanças em relação ao que ocorre no Vale do Jequitinhonha, onde estas mesmas redes, de solidariedade e reciprocidade, têm sido de fundamental importância para a reprodução dos grupos sociais e de suas comunidades.

Diante do que foi dito, até agora, é possível perceber que a pobreza material e a riqueza cultural são termos contrastantes (dentre outros que compõem este lugar) que caracterizam o Vale do Jequitinhonha e tornam-se presentes nos trabalhos, nos discursos, nas práticas cotidianas e nos projetos sociais desenvolvidos nesta região.

No entanto, ressaltar, de forma especial, estas duas questões e este contraste, é também uma maneira de empobrecer as múltiplas possibilidades e os múltiplos sentidos dos trabalhos, dos discursos, das práticas, dos projetos, do próprio Vale do Jequitinhonha e das pessoas que nele vivem. A reflexão de Valla traz uma outra perspectiva que ajuda a repensar esta questão.

Para muitos que se dedicam ao tema movimentos sociais e educação popular, há uma tendência, ou por formação acadêmica, ou por orientação política, de fazer uma leitura das falas e das ações das classes populares pela categoria carência. Se de um lado a pobreza e miséria se prestam a reforçar o uso da categoria, há intelectuais que pensam que tal leitura possa frequentemente empobrecer nossas análises. Chamam atenção para categoria “**intensidade**” que traz dentro de si a idéia da iniciativa, de lúdico, de autonomia (VALLA, 1998, pp. 197-198, grifo meu).

Olhar para o Vale através da *intensidade* com que as coisas são e acontecem é uma forma de ultrapassar essa dicotomia e ampliar os canais de análise, de percepção e, ao mesmo tempo, aproximar-se de tantas outras formas de se apropriar, de refletir, de estar e atuar no lugar onde se vive. Formas, essas, marcadas pelo “*lúdico*”, que pode ser traduzido pelo “caráter brincante” que se imprime às muitas práticas cotidianas das comunidades rurais. Marcadas, também, pela “*idéia da iniciativa e da autonomia*” -

assinaladas aqui por Valla, todavia não consolidadas no viver dessas comunidades, mas como partes, peças e objetivos importantes de um projeto maior, ainda em construção, de transformação desses espaços e modos de vida, intermediado tanto por instituições quanto protagonizado pelos próprios moradores dessas comunidades. Mas, ainda, há outras maneiras de dizer o sertão.

OUTRAS MANEIRAS DE DIZER O SERTÃO

A pesquisa, que desenvolvi no mestrado¹⁴, buscava, de alguma forma, falar sobre o Vale do Jequitinhonha a partir de outros pressupostos que não os de suas ausências e carências. Essa pesquisa foi conduzida pelo olhar, pelas mãos, pelas narrativas e pela memória de alguns canoeiros do rio Jequitinhonha.

Nesse trabalho, o rio foi um dos elementos principais na condução das narrativas dos canoeiros - e na própria condução da escrita da dissertação. Tinha-se a impressão de que o fio da memória do canoeiro ia se desenrolando ao longo da narrativa num movimento similar ao da canoa deslizando no rio e, esse caminho refeito pela canoa, refazia, também, o cenário presente durante o percurso.

Dessa forma, ao reconstruir a sua história de vida, o canoeiro parecia reconstruir uma outra história do rio e uma outra história do Vale. Era como se entrelaçasse a sua história com a vida do rio (GUERRERO, 2000, p. 46). E foi através de sua história de vida e de seu processo de rememoração e de reconstrução do passado, que o canoeiro - e a pesquisa - trouxe elementos para questionar o discurso recorrente e oficial que acentua e privilegia a condição - e o estigma - de pobreza e miséria do Vale do Jequitinhonha.

Trouxe, ainda, a possibilidade de enxergar nos meandros do Vale outras formas de enfrentar, de responder e de resistir às condições tão adversas. A frase do canoeiro Odilo Paulo, da cidade de Jequitinhonha: “Canoa não é força, é Opinião” - que dá título à dissertação - e, mais precisamente, o termo *Opinião* reconfigura os estereótipos e os estigmas que têm marcado os discursos produzidos sobre o Vale do Jequitinhonha.

Além disso, ele resume não só o sentido e o significado que este ofício ocupou e ocupa na vida e na memória dos canoeiros, mas o sentido e o significado que o próprio sertão mineiro assume - e imprime - na vida das pessoas que vivem nesta região.

A opinião é algo que tem um sentido e um significado marcante, prático e preciso na vida do povo do Vale. Este termo possui, ao mesmo tempo, um significado específico e múltiplo, na medida em que congrega e se desdobra em outras forças, como a força moral e

¹⁴ Dissertação citada na introdução do artigo.

em outros valores, como: honra, orgulho, determinação, convicção, dignidade, perseverança e resistência. Assim, quando os homens e as mulheres do Vale falam em força, vontade, orgulho, vergonha, são os múltiplos sentidos da *opinião* que encontramos. (...) Vinculada a uma experiência coletiva, a *opinião* representa e expressa, concretamente, como estas pessoas vivenciam e compreendem as coisas de sua própria experiência (GUERRERO, *idem*, pp.41-2).

O rio Jequitinhonha, por ser empedrado e encachoeirado em grande parte do seu curso, não era considerado um rio propriamente navegável tornando-se, assim, um desafio constante para os canoeiros que dependiam de muita habilidade e *opinião* para atravessá-lo. No entanto, a opinião se faz presente em muitos contextos, não apenas na fala do canoeiro, mas nos versos cantados pelo sertanejo:

*Palmatória quebra dedo
Chicote deixa vergão
Cacetete quebra costela
Mas não quebra opinião*

*Cadê meu dedo, cadê minha mão
Cadê minha faca e meu facão
Cadê minha pistola e minha repetição
Cadê gente rica que tem boa ação
Cadê gente pobre que tem opinião
Mulher tá sentada fiando algodão¹⁵*

A palavra opinião manifestada através da fala do canoeiro carrega uma gama de significados que a ultrapassa e, mesmo que se suprima a palavra e usem outras (como força, vontade, orgulho, coragem, determinação, vergonha), o seu sentido permanece e ela continua sendo comunicável e compreensível no e para o grupo. Isso porque revela uma atitude e uma postura diante da vida, além de ser uma linguagem comum e partilhada no “universo” sertanejo do Vale do Jequitinhonha mas, também, de outros sertões, como aquele traduzido nas palavras de Guimarães Rosa: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso” (1986, p.17). E nas palavras de Euclides da Cunha:

O sertanejo é antes de tudo um forte. É o homem permanentemente fatigado... Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso... Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se... reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (CUNHA, 2004, p. 146-147).

¹⁵ Versos encontrados em cantigas de domínio público, algumas delas referentes a cantos de trabalho, como o das tecedeiras: “mulher tá sentada fiando algodão”. Esses versos, no entanto, podem inserir-se em diferentes cantigas e em diferentes situações e contextos. No caso do verso: “palmatória quebra dedo [...]”, este pode ser uma resposta ao poder dos coronéis - e também dos políticos - que, apesar de toda a sua “força”, não é capaz de quebrar e nem dobrar a “opinião” de quem vive no sertão.

Canoeiros que contam e que cantam o Vale, como tantos outros atores e sujeitos dessa região que, através dos versos e das cantigas dizem a sua palavra. A possibilidade de “dizer a palavra”, nesse contexto, é também uma possibilidade de cantá-la. Há uma “melodia educacional”¹⁶ que perpassa os muitos fazeres coletivos.

Seja nas cantigas de roda, nas rodas de verso, nos batuques¹⁷, nos cantos de trabalho de canoeiros, tropeiros, boiadeiros, tecedeiras, lavadeiras, a *cantoria* aponta, também, um novo caminho para conhecer o Vale do Jequitinhonha.

As cantigas de beira-mar¹⁸, por exemplo, costumavam impor ritmo ao movimento das canoas, embalando, assim, as viagens dos canoeiros. Cantavam feitos de trabalho, as riquezas existentes nas terras do Jequitinhonha, a atividade comercial exercida ao longo do rio, os amores deixados nos portos, os perigos, a saudade. O canto anunciava a chegada, denunciava a partida e os acompanhava durante a travessia. Como neste beira-mar:

*Canoeiro, canoeiro
Quê que trouxe na canoa
Trouxe ouro, trouxe prata
Trouxe muita coisa boa.
Quem não me conhece chora
Miquelina ei
Que fará quem me quer bem,
Miquelina.*

*Sou negociante, sou principiante
Comprador de ouro e de diamante
Tanto eu compro ouro,
Como eu compro gado
Não te dou dinheiro
Que eu não tenho trocado*¹⁹

Da mesma forma, os mutirões²⁰ organizados para fiar o algodão e produzir as peças no tear são acompanhados com a produção de canções que retratam “o cotidiano das fiandeiras, tecelãs e o universo social da própria comunidade: ‘fiano e cantano’” (MAIA, 2004, p.175). Presente na memória de algumas comunidades e no cotidiano de outras, a

¹⁶ Este termo foi apresentado por Wladson Dalfovo durante uma reunião do grupo de pesquisa Pandorga: Educação Popular, Arte e Cidadania, no dia 04/03/2008, no Centro de Educação da UFSC.

¹⁷ O Batuque é um ritmo que veio da África. É cantado e dançado em qualquer época do ano durante as festas na roça e na cidade. As pessoas, em roda, batem palmas, sapateiam e gingham o corpo ao som dos tambores. Às vezes, começa com uma pessoa no meio que, enquanto dança, vai convidando outras pessoas para entrar na roda. Essas pessoas, por sua vez, vão chamando outras e assim sucessivamente, até que todos estejam dançando.

¹⁸ O canto de trabalho dos canoeiros é conhecido como beira-mar.

¹⁹ O nome deste beira-mar é *Canoeiro*. Foi recolhido e gravado pelo “Coral Trovadores do Vale” da cidade de Araçuaí. Informante: Filomena Maria de Jesus – Araçuaí.

²⁰ Os mutirões representam um das formas mais tradicionais de organização coletiva do trabalho, implica numa troca e num sistema de reciprocidade e solidariedade do meio rural brasileiro (MAIA, 2004).

arte de tecer fios continua sendo a arte de tecer alianças, relações de confiança e de solidariedade, além de se configurar em momentos de partilha e de divertimento, como demonstra essa cantiga:

[verso fixo]

*Margarida se eu bem soubesse
Que ocê era tecedeira
Eu mandava vim da Bahia
Pente fino e lançadeira*

[verso improvisado]

*Da Bahia mandei vim
Duas tesouras de ouro
Uma prá cortar ciúme
Outra prá cortar namoro*

[verso fixo]

*Menina suspende a saia
Moda n'água não barrar
Que a renda custou dinheiro
Dinheiro custou ganhar*

[verso improvisado]

*O dinheiro de São Paulo
É dinheiro excomungado
Foi dinheiro de São Paulo
Que levou meu namorado²¹*

Nas colchas, nos tapetes, nas roupas tecidas pelas mãos das mulheres estão presentes as histórias contadas e as músicas cantadas durante seu urdume. Da mesma forma, os signos e os símbolos tecidos na peça, “mais do que padrões de desenhos, nos remetem a padrões culturais que se recriam e se manifestam no processo de produção de tecidos” e, também, no processo de produção de identidades, delimitando “os universos definidores da feminilidade e da masculinidade” (BITTENCOURT, 1995, p.194). Definem, ainda, uma identidade sertaneja “que, entre o presente, as lembranças, as nostalgias e as pequenas alegrias, vai descrevendo o real nos lugares de vida e nos imaginários do sertão” (PAULA et al, 2006, p.7).

A pesquisa realizada por Luciana Bittencourt sobre a produção de tecelagem e narrativas orais, especialmente, canções, casos e charadas, na comunidade de Roça Grande, no município de Berilo, demonstra que essas práticas são vistas como elementos essenciais do cotidiano dessa comunidade, pois fornecem “os meios materiais e simbólicos de sua sobrevivência” (1995, p.192). Além disso, para a autora, “a análise da produção de tecidos e da tradição oral que a acompanha permite compreender como os

²¹ O nome dessa cantiga é Dança da Tecedeira. Ela foi gravada pelo Coral Trovadores do Vale. Informante: Luíza Teixeira Ramalho, da cidade de Araçuaí. O último verso refere-se aos que partem devido à migração e deixam um amor à sua espera.

grupos camponeses lidam com os novos desafios, redefinem conceitos culturais e improvisam novas possibilidades de significação” (*idem*, p.201).

A produção artesanal e a tradição oral são elementos que orientam o processo de mudança porque prevêm novas possibilidades de significação. **Os tecidos e as canções que acompanham sua produção são os universos onde o diálogo entre as improvisações individuais e a tradição coletiva é articulado.** Na tecelagem, esta relação entre tradição e improvisação pode ser percebida na forma como os tecidos são produzidos. Se, por um lado, a maneira de urdir e tecer segue um padrão próprio e imutável delimitado pelas dimensões do tear, por outro lado, as cores, os desenhos e a combinação de motivos e padrões variam segundo as improvisações individuais de cada tecelão. **Esta inter-relação entre tradição e manifestações individuais também está presente na forma como os versos são improvisados entre os refrões das canções nos mutirões de fiar e tecer”** (*ibidem*, p.199, grifos meus).

Ligando o passado e o presente no refrão que se repete e nos versos que se atualizam e se contextualizam, a *cantoria* compõe diálogos brincantes e guardadores da memória de um coletivo e evoca mais do que um passado distante, ela reafirma o sentido, o valor e o desejo de continuar sendo grupo e de viver de forma comunitária. Ela é, ainda, e muitas vezes, um chamado para o fazer coletivo e uma celebração deste fazer.

Ao mesmo tempo, permite que cada um exerça a sua individualidade - que *diga a sua palavra* em meio a um texto que é coletivo -, através dos versos improvisados que permeiam e, também, compõem esses diálogos. Além disso, o improviso dos versos, que acompanha as relações sociais e as realizações de trabalho, se reflete no improviso de novas possibilidades de significação e ressignificação sócio-econômica e cultural das comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha.

Presente, também, num sistema de reciprocidade²², que parte do “princípio de que o trabalho que se dá hoje é recompensado pelo trabalho que se toma amanhã” (MAIA, op.cit, p.162), a *cantoria* embala, ainda, o “pós trabalho”, momento em que se celebra o trabalho realizado, o alimento compartilhado e os laços fortalecidos. Essa prática é percebida como

(...) trabalho “em festa”, expresso no trabalho propriamente dito e, principalmente, no pós trabalho, momento em que são oferecidas comidas e bebidas pelo “tomador”. Sempre muito farta e variada, a refeição não tem apenas a dimensão de “matar a fome”, ela é carregada de significados que junta, reúne e reafirma os laços entre os parceiros no circuito de reciprocidade (*idem*, p.163).

²² O sistema de reciprocidade implica numa obrigação de “dar, receber e retribuir” que, segundo Marcel Mauss (1974), é o que fundamenta a própria existência do social. Esse sistema de troca não se restringe às relações de trabalho, nem às relações econômicas, mas envolve outros tipos de relações, principalmente, simbólicas, baseadas “na confiança, respeito, afinidade e solidariedade” (MAIA, op.cit, p.163).

No entanto, além das cantigas que dão ritmo ao trabalho, que congregam pessoas, que embalam a festa, que acompanham a reza, que celebram o alimento, há cantigas que acompanham, também, os momentos de dor, de tristeza, de ausências e retratam o sofrimento e as dificuldades de quem convive com a seca e com a pobreza. Cantigas como essa:

*Oh! Vida triste é a vida da pobreza
Oh! Vida alegre é a vida da riqueza
As horas certas tem a cama e tem a mesa
Eu quero dormir um sonho
no colo de uma princesa, ai, ai.*²³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As colocações feitas, até esse momento, levam-me a pensar que existem muitas maneiras de procurar responder às condições e situações de pobreza vividas em regiões como a do Vale do Jequitinhonha. As relações que as pessoas vão estabelecendo nos seus espaços de vida, acabam descrevendo as diferentes maneiras do próprio “viver, sobreviver e conviver” (PAULA et al, op. cit, p.4) das *gentes do lugar* que, através das vias e redes de reciprocidade e solidariedade, bem como da intensidade, da opinião e da composição de diferentes diálogos, muitos deles cantados, vão tecendo seu cotidiano procurando transformar os vazios do sertão em novas possibilidades e estratégias de bem viver.

Percebo isso tanto na literatura, nos textos teóricos, quanto nos versos cantados pelas pessoas que vivem no sertão e no fazer cotidiano dessas pessoas que através de seus improvisos individuais e composições coletivas trazem outros significados para as representações da pobreza e outras maneiras de dizer como vivem suas vidas, como vivem o *seu* sertão e de como querem vivê-lo.

Percorrendo esses outros modos de dizer o sertão, é possível pensar que o Vale é um pouco dessa opinião misturada com a dureza da vida e com a dureza da terra, e que isso traz um modo muito particular de enfrentar a pobreza e de criar formas de ver e viver a própria existência, que também se mistura com a alegria, com a intensidade, com o improviso, com o lamento, com a seca, com a fé e a devoção e com a esperança.

²³ Esse canto foi gravado pelo Coral Trovadores do Vale, da cidade de Araçuaí, cuja informante foi Filomena Maria de Jesus.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Cibele; GALAVOTI, Glauce. **Itinerários marginais: O Brasil do Vale do Jequitinhonha**. Santo André: Edições Alpharrabios, 1997.
- BARRETO, Abílio. **A noiva do tropeiro**. Belo Horizonte: Livraria Belo Horizonte, 1946.
- BISON, Walnice P. **A volta por cima: mulheres migrantes entre o Vale do Jequitinhonha e São Paulo**. Dissertação de Mestrado. FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- BITTENCOURT, Luciana. Tecendo textos culturais: tecelagem, narrativas orais e gênero no Vale do Jequitinhonha. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 38, n. 2. 1995.
- CARNEIRO, Maria J. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: DA SILVA, F.C. T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.de C. **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões** (Campanha de Canudos). São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- GUERRERO, Patricia. **Canoa não é força, é Opinião: o Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoeiros**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas (SP), Campinas, 2000.
- KOMADINA, Celine G. Relaciones de reciprocidad em el trabajo: una estrategia para los más pobres. In: LEGUIZAMÓN, S. A (Org.). **Trabajo y producción de la pobreza em Latinoamérica y el Caribe: estructuras, discursos y actores**. Buenos Aires. Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2005. p. 373-399.
- LEGUIZAMÓN, Sonia. A (Org.). **Trabajo y producción de la pobreza em Latinoamérica y el Caribe: estructuras, discursos y actores**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2005.
- _____. Los discursos minimistas sobre las necesidades básicas y los umbrales de ciudadanía como reproductores de la pobreza. In: **Trabajo y producción de la pobreza em Latinoamérica y el Caribe: estructuras, discursos y actores**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2005. p. 239-273.
- LIMA, Nei C. **Os crespos do sertão**. XXV Reunião Brasileira de Antropologia (ABA). Goiânia/GO. 11-14 jun. 2006.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. **O negro e o garimpo em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.
- MAIA, Cláudia de Jesus. **Lugar e Trecho: migrações, gênero e reciprocidade em comunidades camponesas do Jequitinhonha**. Montes Claros (MG): Editora Unimontes, 2004.
- MORAIS, Dione. **Ainda queremos ser...tão?** (reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí). XXV Reunião Brasileira de Antropologia (ABA). Goiânia/GO. 11-14 jun. 2006.
- MOURA, Margarida M. **Os deserdados da terra**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.
- PAULA, Andréa M.N.R.; BRANDÃO, Carlos R.; JUNIOR, João C. **Cartografia sertaneja: as representações das práticas espaciais vividas, percebidas e imaginadas em Campo Geral**. XXV Reunião Brasileira de Antropologia (ABA). Goiânia/GO. 11-14 jun. 2006.
- PEREIRA, Leopoldo. **O município de Araçuaí**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Lembranças da terra: Histórias do Mucuri e Jequitinhonha**. Contagem (MG): CEDEFES, 1996.
- RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Campesinato: resistência e mudança – O caso dos atingidos por barragens do vale do Jequitinhonha**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) -

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

RIBEIRO, Ana Clara. A resistência do compromisso. In: VALLA, Victor Vincent; STOTZ, Eduardo N.; ALGEBAIL, Eveline B. (Orgs.). **Para compreender a pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto/Escola Nacional de Saúde Pública, 2005.

RIOS-NETO, Eduardo; VIEIRA, Paula MRD. **Mulheres de migrantes sazonais no Vale do Jequitinhonha**. GT: População e Sociedade no Brasil. XIII Encontro Anual da ANPOCS, 23 a 27 de outubro de 1989. Caxambu, Minas Gerais.

SCHIAVO, Sylvia. **Sertão uno e múltiplo ou lua pálida no firmamento da razão**. XXV Reunião Brasileira de Antropologia (ABA). Goiânia/GO. 11-14 jun. 2006.

SILVA, Maria A. M. Expropiación de la tierra, violencia y migración: campesinos del nordeste de Brasil en los cañaverales de São Paulo. In: **Coloquio Internacional Migración y movilidad laboral**, 2007, México/DF: UNAM, 2007. v. 1. Disponível em www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Maria%20Aparecida%20de%20Moraes%20Silva%20-%20completo.pdf Acesso em: 07 de abril 2008.

_____. **A face oculta do agribusiness do açúcar e álcool no Brasil**. VII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural (ALASRU). Quito/Equador. 2006. Disponível em www.alasru.org/cdalasru2006/poncompletascd.htm. Acesso em: 08 de abril 2008.

SOUSA, João Valdir A. de. Luzes e sombras sobre a história e a cultura do Vale do Jequitinhonha. In: SANTOS, G. R. (Org). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais**. Montes Claros/MG: Best Comunicação e Marketing, 1997.

UNGER, Nancy M. **Da foz à nascente**: o recado do rio. São Paulo: Cortez, 2001.

VALLA, Victor V.; STOTZ, Eduardo N.; ALGEBAIL, Eveline B. (Orgs.). **Para compreender a pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto Escola Nacional de Saúde Pública, 2005.

_____. Movimentos sociais, educação popular e intelectuais: entre algumas questões metodológicas. In: FLEURI, R. M. (Org). **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis, Mover/NUP, 1998. p. 187-200.